

O AQUECIMENTO GLOBAL E SUA REPERCUSSÃO NA MÍDIA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA UM DEBATE

GLOBAL WARMING AND ITS IMPACT ON THE MEDIA: SOME CONTRIBUTIONS TO A DEBATE

Marcos Antonio de Souza¹

Resumo: Atualmente a problemática do aquecimento global tem sido um tema recorrente nos meios de comunicação de massas, que vem tratando as mudanças climáticas quase que exclusivamente sob a perspectiva antropogênica, onde o alarmismo e as previsões catastróficas são o foco desta abordagem. O fato é que a maior parte da população tem recorrido as informações disponibilizadas pelos *media mass* para se interarem das mudanças climáticas, o que revela uma grave preocupação, tendo em vista a parcialidade da abordagem jornalística, o que aponta para a existência de mecanismos de manipulação de informação presentes nas reportagens. Nesse contexto, este artigo busca apresentar as duas principais vertentes das discussões acerca do aquecimento global, além de analisar o tratamento midiático acerca das mudanças climáticas na atualidade.

Palavras-chaves: Mudanças climáticas; Aquecimento global antropogênico; consenso científico; abordagem midiática; alarmismo.

Abstract: Currently the issue of global warming has been a recurring theme means of mass communication, which is addressing the climate change almost exclusively from the perspective of anthropogenic where the alarm and the doomsday predictions are the focus of this approach. The fact is that most part of the population has used information provided by media mass to the interests of climate change, which shows a severe concern, in view of the partiality of the journalistic approach, which points to the existence of mechanisms for handling information present in the reports. Therefore, this article seeks to present the two main strands of the discussions about global warming, and about analyzing the media treatment of climate change in the actuality.

Key Words: Climate change; anthropogenic global warming; scientific consensus; approach media; scaremongering

Introdução

O fim do mundo está próximo. Tão próximo que os sinais já podem ser percebidos cotidianamente em várias latitudes do planeta Terra. E a culpa é do chamado aquecimento global, indiscutivelmente provocado pela ação do homem, que principalmente após a Revolução Industrial tem aumentado consideravelmente suas emissões de gases poluentes a atmosfera, senão vejamos:

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Email: geomarcos86@yahoo.com.br

O planeta esquenta e a catástrofe é iminente [...] Ondas de calor inéditas. Furacões avassaladores. Secas intermináveis onde antes havia água em abundância. Enchentes devastadoras. Extinção de milhares de espécies de animais e plantas. Incêndios florestais. Derretimento dos pólos. E toda a sorte de desastres naturais[...] [fruto] do descuido do homem com o ambiente. (Veja, 2008).

Esta visão apocalíptica – sem exagero – pode ser cotidianamente observada nos *media mass*, que tem tratado o aquecimento global de forma alarmista e tendenciosa, reduzindo as mudanças climáticas a um consenso científico, além de trazerem em suas edições previsões catastróficas sobre o futuro da humanidade no planeta Terra.

Isto é alarmante na medida em que a mídia é o instrumento mais usual com o qual a população em geral se intera de uma série de eventos ocorridos distantes da sua localização geográfica, ou ainda distante das suas capacidades intelectuais de compreensão, estes últimos relacionados especificamente a fenômenos e pesquisas científicas.

Nesse contexto os meios de comunicação exercem a função de “simplificadores” do conhecimento científico produzido nas universidades e demais centros de pesquisa, apresentando-os numa linguagem acessível para a maioria da população. O fato é que este processo de mediação pode resultar num produto altamente tendencioso, visto que no âmbito deste processo encontra-se elucubrado uma série de interesses que se mesclam a notícia, transformando fato e ideologia numa verdade com alto poder de convencimento diante das pessoas.

Isto porque a maior parte da população não consegue se interar de tudo o que acontece no planeta, ou de tudo aquilo que é produzido pela ciência, corre-se então o risco de ocorrer uma absorção da manipulação jornalística como uma verdade absoluta. Assim, o aquecimento global passa a ser compreendido pela população como um fenômeno indiscutivelmente antropogênico, responsabilizado por todas as catástrofes naturais da contemporaneidade.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é discutir a forma como a mídia tem abordado a problemática do aquecimento global, menosprezando o debate científico travado de um lado pelo grupo de cientistas do IPCC - e de outro, por um grupo que muitos sequer sabem da sua existência, que creditam a eventos naturais o aquecimento global.

Para tanto, primeiramente será apresentado uma discussão acerca do aquecimento global, privilegiando as duas visões da problemática no meio científico e posteriormente será abordado o tratamento midiático do aquecimento global.

O aquecimento global antropogênico: um consenso científico?

Se para os *media mass* não há mais dúvidas de que o aquecimento global é antropogênico e o responsável por quase todas as catástrofes naturais da atualidade e de uma infinidade de outras tantas previstas para um futuro não muito distante, no meio científico se está longe de existir tal consenso.

O suporte científico utilizado pela mídia para justificar sua abordagem alarmista é o Intergovernmental Panel On Climate Change – IPCC - órgão criado em 1988 em uma ação conjunta entre a Organização Meteorológica Mundial (OMM) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), cujo objetivo

seria “[...]analizar la información científica necesaria para abordar el problema del cambio climático y evaluar sus consecuencias medioambientales y socioeconómicas, y de formular estrategias de respuesta realistas.” (IPCC, 2007, p.03).

De acordo com o IPCC (2007, p. 02 – 06), uma série de evidências como um suposto aumento do nível do mar, a intensificação destrutiva dos furacões no Atlântico Norte além do degelo das calotas polares entre outros, corroborariam a hipótese de uma tendência de aumento progressivo na temperatura global, que nos últimos 100 anos teria sofrido um acréscimo da ordem de cerca de 0,7°C. As causas deste aquecimento global seria o aumento das emissões de gases de efeito estufa – gás carbônico (CO₂), metano, (CH₄) e óxido nitroso, (N₂O).- potencializadas sob um ritmo crescente através do incremento das atividades humanas, principalmente as mudanças no uso do solo e a utilização em larga escala de combustíveis fósseis após a Revolução Industrial:

Las concentraciones atmosféricas mundiales de CO₂, metano (CH₄) y óxido nitroso (N₂O) han aumentado notablemente por efecto de las actividades humanas desde 1750, y son actualmente muy superiores a los valores preindustriales, determinados a partir de núcleos de hielo que abarcan muchos milenios [...] Con un *grado de confianza muy alto*, el efecto neto de las actividades humanas desde 1750 ha sido un aumento de la temperatura [...] muy probablemente han contribuido al aumento del nivel del mar durante la segunda mitad del siglo XX. (IPCC, 2007, p.05-06).

Não obstante, este órgão considera que, se mantido o nível atual das emissões destes gases, o aumento das temperaturas poderá ser para o século XXI muito superior ao aquecimento ocorrido no século XX, variando segundo os modelos matemáticos computacionais utilizados pelo IPCC, num aumento entre 1,8°C e 4 °C da temperatura média global. (IPCC, 2007, p. 08). Para o Brasil, segundo Nobre (2007, p.239) as previsões de aumento das temperaturas apontam para um aquecimento que pode variar de 4 a 6°C no final do século XXI.

Nesse contexto, uma série de consequências oriundas destas mudanças climáticas de acordo com o IPCC (IPCC, 2007, p. 07-12), são previstas para várias porções do planeta, algumas das quais já começam a ser percebidas. Assim, as áreas glaciares do Ártico desapareceriam por completo nos últimos verões do século XXI e cidades costeiras, além de pequenas ilhas² poderiam ser submergidas pelo aumento do nível dos oceanos, fazendo surgir uma multitudinária onda de imigrantes, classificados como “refugiados do clima”.

Como consequência do aquecimento global antropogênico e consequente aquecimento das águas oceânicas, os furacões ficariam cada vez mais intensos e frequentes. Um número considerável de espécimes da flora e da fauna estariam condenados a extinção, a floresta Amazônica sofreria um processo de savanização, além de as mudanças climáticas intensificarem a escassez hídrica em várias porções da Terra, intensificando os conflitos geopolíticos, etc.

² Tuvalu e as Ilhas Maldivas, dois pequenos países insulares do Pacífico Ocidental e do Oceano Índico respectivamente, que segundo alguns cientistas correm riscos de desaparecerem em poucas décadas devido ao aumento do nível do mar são comumente inseridos nas reportagens midiáticas como exemplo de uma consequência nefasta do aquecimento global antropogênico.

Eventos como a seca da Amazônia de 2005, enchentes que mataram dezenas de milhares de pessoas em Mianmar e até mesmo as intensas chuvas que vitimaram dezenas de pessoas recentemente em Santa Catarina estariam entre o prelúdio da grande catástrofe oriunda das mudanças climáticas.

Para evitar tal cenário apocalíptico, o IPCC (IPCC, 2007, p.14-20), propõe uma série de ações para mitigação dos efeitos catastróficos que o aquecimento global antropogênico poderia causar. Dentre estas ações, se destaca a necessidade de se reduzir as emissões dos chamados gases de efeito estufa, além de:

[...] integrar las políticas climáticas en políticas de desarrollo, reglamentaciones y normas, impuestos y gravámenes, permisos comerciales, incentivos financieros, acuerdos voluntarios, instrumentos de información, y actividades de investigación, desarrollo y demostración de carácter más general [...] Los estudios de modelización indican que un aumento mundial de los precios del carbono hasta los 20-80 dólares/tCO₂-eq de aquí a 2030 es coherente con una estabilización en torno a 550 ppm de CO₂-eq de aquí a 2100. (IPCC, 2007, p.15).

Esta visão das mudanças climáticas é a que aparece cotidianamente na mídia, sendo respaldada por cientistas favoráveis aos resultados apresentados pelo IPCC.

Mas, seria esta visão um consenso no meio científico? Começemos esta discussão pela causa do aquecimento global.

Se para o IPCC a tese do aquecimento global antropogênico é inquestionável (IPCC, 2007, p.05-06), causado pelas emissões à atmosfera de gases de efeito estufa como o CO₂ pelas atividades produtivas humanas, Carter (2007, p.61) sustenta que não há um consenso nesta afirmação. Ao contrário do que afirma o IPCC, segundo o geofísico, as atividades humanas contribuiriam apenas com 3% das emissões de CO₂, além de existir uma pequena relação entre concentração deste gás e aquecimento:

It is therefore crystal clear that there is nothing inherently unusual, nor necessarily dangerous, about the 'extra' carbon dioxide that is currently being contributed to the atmosphere by human activity, which anyway amounts annually to only about three per cent of the natural flux [...] little relationship exists between the atmospheric concentration of carbon dioxide and necessary warming [...] (CARTER (2007, p.62 - 64).

Molion (2009, p. 09) aponta que apesar de nos últimos 150 anos ter ocorrido incontestavelmente um aumento da ordem de 35% na concentração de CO₂, isto não representa necessariamente que este incremento esteja relacionado às atividades humanas, mas pode ter uma relação com as variações internas na própria dinâmica do sistema Terra-oceano-atmosfera, num contexto em que “[...] a solubilidade do CO₂ nos oceanos depende de sua temperatura [...]”.

Desta forma, “como a temperatura dos oceanos aumentou, devido à redução do albedo planetário e ao aquecimento do sistema entre 1920-50³, a absorção de CO₂ pelos oceanos pode ter sido reduzida e mais CO₂ ter ficado[...] na atmosfera”. (MOLION, 2009, p.09).

Ora, diante desta constatação, nosso interlocutor aponta que não é consensual admitir que o aumento do CO₂ na atmosfera é o grande causador do aquecimento global, visto que pode ter ocorrido justamente o contrário: como a temperatura do mar e do ar adjacente aumentaram por razões descritas anteriormente, e isto provocou uma redução na absorção deste gás pelos oceanos, houve então um aumento de CO₂ na atmosfera.

Paradoxalmente a estas constatações há de se considerar ainda o fato de que:

O aumento de 35% na concentração de CO₂ nos últimos 150 anos, já deveria ter causado um incremento na temperatura média do globo entre 0,5 e 2,0°C se resultados de modelos de simulação de clima (MCG) fossem considerados. Entretanto, de acordo com a Quarta Avaliação do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC AR4/SPM, 2007), o aumento “observado” estaria entre 0,4 e 0,7°C. (MOLION, 2009, p.02).

Por outro lado, se o IPCC (2007, p.07) atesta ser “[...] *muy improbable* [...] la variabilidad natural [...]” ser a origem do aquecimento global, Molion (2008, p.18) recorda a existência de outros processos além do efeito-estufa capaz de produzir mudanças significativas no clima do planeta, dentre as quais pode-se destacar as manchas solares, a atuação do El Niño e da La Niña e no âmbito da variabilidade oceânica de longo prazo, a Oscilação Decadal do Pacífico (ODP) e a Circulação Oceânica Profunda. Estas últimas capazes de, segundo o autor, “[...] influenciarem [...] o transporte e a distribuição horizontal de calor sensível nos oceanos, e conseqüentemente, as temperaturas do ar, devido as variações nas trocas de calor entre a superfície do oceano e a atmosfera.” E como a maior parte do planeta Terra é coberta pelos oceanos, este fenômeno não pode ser simplesmente negligenciado em qualquer estudo que se faça acerca das mudanças climáticas.

Com relação a Oscilação Decadal do Pacífico, Molion (2008, p. 04) elucida ainda que:

Aceitando a hipótese que o Pacífico e sua Oscilação Decadal sejam um controlador importante do clima global, pode se arriscar a fazer os prognósticos qualitativos que se seguem. O clima global poderá experimentar um resfriamento paulatino nos próximos 25 anos se a ODP comprovadamente permanecer em sua nova fase fria.

No âmbito das conseqüências catastróficas das conseqüências, chama a atenção o prognóstico do IPCC (2007, p.11), que aponta que “hasta mediados del

³ De acordo com Molion (2008, p.10) o IPCC concorda que o aquecimento ocorrido nesse período pode ter tido causas naturais, podendo ser esta ter relações com o aumento da produção de energia solar e da redução do albedo do planeta Terra.

siglo, los aumentos de temperatura y las correspondientes disminuciones de la humedad del suelo originarían una sustitución gradual de los bosques tropicales por las sabanas en [...] la Amazonia.”

Nessa mesma vertente, Nobre (2007, p.254-258) assevera que um aquecimento antropogênico poderia elevar as temperaturas na região Amazônica, favorecendo um processo de savanização, principalmente na porção norte e leste da floresta.

Por outro lado, Ab'Saber apud Geraque (2007) não concorda com estes prognósticos de savanização, uma vez que a maior parte das previsões que apontam para esse processo na floresta Amazônica não levam em consideração o efeito das correntes marítimas:

A tendência no caso das matas atlânticas e da Amazônia é que elas cresçam e não que sejam reduzidas[...] As correntes marítimas de água quente, na atualidade, migram até o sul do Brasil a partir da região equatorial. Desconsiderar isso implica errar tudo[...] Todos falaram que a floresta vai diminuir e ganhar cerrado. O aquecimento global não vai destruir floresta. No máximo, vai haver uma nova delimitação nos bordos da Amazônia.

Não obstante, não é um consenso entre os cientistas as demais conseqüências catastróficas acerca das oscilações climáticas. Nobre (2007, p. 239) aponta que “há ainda, muita incerteza com relação às possíveis mudanças na precipitação pluviométrica e quanto a modificações na frequência de extremos climáticos (secas, inundações, tempestades severas, vendavais, granizo etc.)”.

Outro ponto capaz de gerar controvérsias entre o IPCC e o grupo de cientistas comumente considerados como “céticos” é a metodologia empregada por este órgão para realizar suas previsões acerca do aquecimento global, baseadas nos Modelos de Clima Global, “[...] cujas equações matemáticas não representam adequadamente os processos físicos que ocorrem na atmosfera [...]”. (MOLION, 2008, p.07)⁴.

A esse respeito, Carter (2007, p.64) assegura que os modelos climáticos computacionais, “[...] are invalidated and do not provide skilled predictions of future climate out to 2100. Also, it transpires, first, that none of the models was able to forecast the path of the global average temperature statistic as it elapsed between 1990 and 2006.”

Se os modelos de clima global utilizados atualmente pelo IPCC não foram capazes de simular as condições climáticas em apenas 16 anos, o que dirá para previsões que envolvem um século! E é através destes modelos que o IPCC realiza suas previsões climáticas catastróficas para os próximos 100 anos.

Outro ponto acerca destes modelos climáticos computacionais é a não concordância entre as várias simulações numéricas com os mesmos dados, como atesta o próprio Nobre (2007, p.243), um dos maiores expoentes brasileiro das mudanças climáticas antropogênicas e membro do IPCC.

Sobre esses modelos, Molion (2008, p.16-17), aponta que eles apresentam sérias dificuldades na representação da realidade física do planeta, uma vez que há

⁴ De acordo com Molion (2008, p.18), os Modelos de Clima Global são um dos três argumentos utilizados pelo IPCC na defesa da tese de aquecimento global antropogênico.

dificuldades na simulação da influência das nuvens e aerossóis, do ciclo hidrológico e das correntes marinhas por exemplo.

Desta forma, a partir das constatações de que estes modelos computacionais não são capazes de simular uma série de eventos naturais que possuem um importante grau de influência no clima do planeta, o produto destes modelos, ou seja, as previsões catastróficas do IPCC podem estar superestimadas, ou até mesmo equivocadas. Afinal, “Can deterministic computer models predict future climate? Another no”. (Carter, 2008, p.62).

Outro aspecto desta discussão que merece destaque é a questão da “temperatura média global”. Para o IPCC (2007, p.88), esta seria uma “estimación de la temperatura media mundial del aire en la superficie. Para las variaciones a lo largo del tiempo, sin embargo, se utilizan únicamente [...] promedio mundial ponderado[...]”.

Esta discussão se faz importante devido ao fato de que todas as pesquisas acerca das mudanças climáticas do IPCC se baseiam em comparações entre temperaturas médias de vários períodos históricos, além de serem traçados prognósticos de aumentos para “temperatura média global” do futuro.

Há muitas críticas acerca da aplicação deste conceito à realidade da Terra. Carter (2007, p.65) aponta ser bastante improvável falar em uma temperatura média global, visto que:

“[...] many different averages are possible [...] A temperature can be defined only for a homogeneous system, which climate most definitely does not represent. The processes which control climate, such as ocean currents and atmospheric circulation, are driven by local and regional temperature differences, not by a ‘global average temperature’ statistic.”

A colocação de Carter de que “muitas médias são possíveis”, resultam, além do fato da heterogeneidade do sistema climático, de uma variação histórica no número e na padronização das estações climatométricas espalhadas pelo mundo. Por outro lado, a ponderação de todos os dados captados nas mais diversas latitudes do planeta, pode abranger anomalias climáticas para os padrões regionais, resultantes, por exemplo, de eventos naturais com abrangência local.

Além disso, Molion (2008, p.10-11) retrata que o aquecimento global antropogênico defendido pelo IPCC, pode não passar de um efeito de ilha de calor que interferiu nas últimas décadas nos dados captados por estações climatométricas, que podem estar geograficamente localizadas no raio de expansão urbana, podendo causar uma distorção da ordem de 3 a 5 °C. Isto poderia segundo o autor, resultar em um aquecimento local e não global.

Não obstante, Carter (2007, p.66) nos revela a constatação de uma desproporcionalidade na distribuição geográfica das estações climatométricas: apesar de mais de 70% da Terra ser coberta por oceanos, cerca de 90% destas estações se encontram geograficamente localizadas na superfície terrestre.

Ora, se estamos falando de dois sistemas bastante distintos entre si, pode ser que os valores adotados atualmente como média global, baseados majoritariamente na captação de dados climatométricos em estações localizadas na porção continental, podem estar equivocados.

Finalizando por enquanto essa discussão, Lindzen (2009, p.57) coloca que “[...] a idéia de que o clima é unidimensional e descrito por uma temperatura média

global fictícia, uma única força bruta que faz aumentar os níveis de CO₂, é uma simplificação grotesca.”

Diante desse debate uma coisa é certa: se está longe de um consenso científico acerca das causas do aquecimento global. Até porque, “argument based on consensus is not usual in science [...]”, como elucida Carter (2007, p. 65).

No entanto, e conforme será abordado posteriormente, *os media mass* parecem ignorar esta discussão científica, optando por veicular única e exclusivamente a versão do IPCC, que a subsidia oferecendo “cientificidade” a suas abordagens alarmistas acerca das mudanças climáticas no mesmo tom das Ongs ambientalistas que propalam que,

“[...]com o avanço da ciência, ficou provado que as atividades humanas são as principais responsáveis pelas mudanças climáticas que já vêm deixando vítimas por todo o planeta. Hoje não resta dúvida. O homem é o principal responsável por este problema. E é ele que precisa encontrar soluções urgentes para evitar grandes catástrofes.”. (GREENPEACE, 2008).

A abordagem midiática do aquecimento global

Nos últimos anos, e com maior intensidade após se tornar público os quatro relatórios do IPCC, a mídia tem abordado cotidianamente a questão das mudanças climáticas nas suas mais diversas formas de publicação. Telejornais têm realizado séries especiais de reportagens que retratam o aquecimento global como antropogênico, repletas de previsões alarmistas e imagens que dão ao telespectador a certeza de que é iminente uma catástrofe.

É comum observar nestas reportagens imagens de devastadores furacões altamente destruidores, pessoas desesperadas em meio a enchentes, blocos de gelo se desprendendo das calotas polares, pessoas no sertão nordestino com latas vazias, muitas vezes dividindo um pouco de água barrenta com o gado que se debate de fome em meio ao flagelo da seca.

Segue a essa sucessão de imagens simulações de computação gráfica prevendo o pior, e posteriormente, há a explicação de uma notoriedade científica e para finalizar o jornalista apela aos telespectadores que alguma coisa tem de ser feita enquanto resta algum tempo.

A mídia impressa não tem ficado atrás. Jornais e revistas engrossam o caldo do alarmismo com os mesmos ingredientes infalíveis para prender a atenção do consumidor citados anteriormente, todos respaldados cientificamente pelo IPCC, num contexto em que “os cientistas que questionam legitimamente o alarmismo são em geral associados a negação do Holocausto nazista [...]”(LINDZEN, 2009, p.57).

A esse respeito, Carter (2007, p.61) elucida que,

When referred to politely, such persons are badged as ‘climate sceptics’; nearly as often they are disparaged as ‘climate septics’, ‘climate deniers’ or ‘flat earthers’. The denigration implicit in the word sceptic is interesting in itself, because virtually all scientists – whether they support the alarmist views of the UN’s Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) or are of more independent mind – accurately

view themselves as professional sceptics, for that is what scientists are trained to be.

Seguindo esta lógica, em uma das edições da *Veja*, a revista traz uma reportagem sob a manchete “Apocalipse Já”, na qual aponta que as catástrofes previstas para as próximas décadas pelo IPCC, já teriam começado, culpa da “[...] geração que quase destruiu a espaçonave Terra”. Eis um fragmento desta edição apocalíptica:

“Como uma praga apocalíptica, as mudanças climáticas já semeiam furacões, incêndios florestais, enchentes e secas com tal intensidade que ninguém mais pode se considerar a salvo de ser diretamente atingido por suas conseqüências.[...] Seremos sempre estigmatizados como os tripulantes que por pouco não destruíram o único, pálido, frágil e azul oásis de vida na imensidão do universo.” (VEJA, 2006).

Nesta mesma reportagem, a revista acaba induzindo o leitor a um inexistente consenso científico acerca das mudanças climáticas ao afirmar que o debate acerca das causas do aquecimento global “[...] está morto e enterrado. As pesquisas convergiram, [...] para a constatação de que nenhuma influência da natureza poderia explicar aumento tão repentino da temperatura planetária.”, sendo portanto antropogênica as causas do mesmo.

Conforme já foi dito anteriormente, é através da mídia que a maioria absoluta da população se intera dos fatos ocorridos geograficamente distante do seu espaço vivido, além de os *media mass* atuarem como mediadores, ou ainda, como simplificadores do conhecimento científico produzido nos centros de pesquisas, apresentando-os sob a forma de uma linguagem compreensível aos seus consumidores.

O fato é que esse processo de mediação nada neutro acaba por mesclar ao fato uma carga de conteúdo político e ideológico que representa os interesses editoriais do veículo de comunicação, que por sua vez é absorvido pela população como uma verdade absoluta.

Nesse contexto, uma das formas mais eficazes para perceber esse posicionamento nada neutro dos meios de comunicação, é analisar as publicações jornalísticas baseadas em um critério metodológico que objetive identificar os padrões desta manipulação midiática através da análise do discurso.

Em muitos casos, realizar a análise e posteriormente identificar estes padrões de manipulação no interior das notícias se torna evidentemente bastante complicado tendo em vista que estes mecanismos podem aparecer inclusive na interlocução científica, visto que “[...] toda análise científica está imbuída de valores e preferências ideológicas.” (Monteiro, 2002, p.15).

Nessa vertente, Lindzen (2009, p.57) aponta que o aquecimento global nada mais é que um movimento político, e que seu viés alarmista e antropogênico possuem o objetivo de aumentar as verbas para a ciência.

Não obstante, alguns cientistas renomados tem inclusive destacado que a maior notoriedade mundial acerca das pesquisas que tem transformado o caráter antropogênico das mudanças climáticas em uma verdade absoluta, o IPCC, não é um órgão exclusivamente científico, mas que age sob forte influência política, senão vejamos a colocação de Carter (2007 p.61-68):

And finally, is the IPCC a scientific or a political advisory body? Answer: it is both. [...] It needs to be stressed that the claimed 'consensus' advice to policy makers provided by the IPCC is political, rather than exclusively scientific as portrayed in the press."

Desta forma fica difícil para o leitor estabelecer até onde vai o fato científico e onde começa o juízo de valor inserido propositadamente no interior da notícia.

Por outro lado, grande parte das notícias vem acompanhada da dimensão prescritiva, que segundo Monteiro (2002, p.15) é caracterizada pela sugestão de soluções para a problemática levantada.

Este tipo de sugestão de ações que visam a mitigação de uma consequência não consensual acaba reforçando no consumidor destas notícias a idéia de que ele, enquanto sujeito individual tem uma determinada parcela de culpa nas emissões de determinados tipos de gases que estariam provocando o aquecimento global, tendo portanto que assumir certas responsabilidades. Para Luckman (2006, p.56) ,

Além de abordar as previsões pessimistas sobre como pode ser a vida num planeta em tão drástica transformação, jornais, revistas, sites de Internet e programas de televisão noticiaram com bastante ênfase a conclusão de que esse contexto problemático é, efetivamente, resultado da ação humana – descartando a possibilidade de que as mudanças sejam resultado de processos naturais. Da mesma forma, buscam estimular as pessoas comuns a contribuírem para minimizar esses efeitos negativos com pequenas atitudes cotidianas.

E quando um individuo tem a percepção de que é responsável por um determinado feito, a tendência é que ele passe a se interessar cada vez mais por informações acerca da problemática e procure agir de forma a sentir-se menos aliviado pela "culpa" estimulada pela mídia. É por esse motivo que determinadas ações passam a ser tomadas em meio a histeria causada pela psicofera do alarmismo criada pelos *media mass*:

Na última quarta, a aposentada Cecília [...]Plantou uma árvore. [...] ela calcula ter repetido o gesto por 1.900 vezes. [...] suas mudas [...]foram plantadas sem deixar calos ou sujeira de terra nas mãos. Bastou um rápido clique no mouse."Levanto cedo, vou para o computador, planto as árvores e fico com a consciência mais leve", [...]. "Não entendo muito sobre aquecimento global. Mas acompanho o tema e sei que sou parte do problema. A gente sente culpa, e comecei a fazer isso para aliviar um pouco a consciência." São "atos de contrição eletrônica", [...], há 30 anos, as pessoas iam à igreja, falavam o que tinham cometido, rezavam e comungavam até voltar a pecar. "Essas são as mesmas pessoas que hoje deletam o pecado pelo plantio de árvores na internet". (KÜCHLER, 2007).

Nesse contexto há que se atentar que o estímulo midiático da ação pela culpa dos sujeitos, convencendo-os de que “alguma coisa ainda pode ser feita enquanto há tempo”, é algo com grande poder de apelo na opinião pública. Isto por sua vez acaba pressionando os dirigentes políticos a empreender uma série de atos com a pretensão de mitigar esses efeitos.

Assim, quanto mais se cria uma psicofera alarmista respaldada por órgãos científicos como o IPCC, e difundida pela mídia, isso acaba dando aos movimentos “ambientalistas” um forte poder de negociação no âmbito das políticas territoriais do Estado voltadas ao meio ambiente e a pesquisa científica acerca do aquecimento global antropogênico. Não é por acaso que muitos cientistas acabam ressaltando o caráter eminentemente político do movimento do aquecimento global antropogênico, como sustenta Lindzen (2009, p.57), que aponta que essa abordagem catastrofista leva os políticos a aumentarem verbas para a ciência. Sendo assim, argumenta Lindzen, “[...] isso é um fator que incentiva a não contestar o quadro de fim de mundo.”.

É nesse contexto que se insere a problemática das mudanças climáticas, cujo debate contemplando suas mais diversas visões parece ser inconveniente para a mídia, num cenário em que a população ao consumir o produto midiático acaba por compreender o aquecimento global como sendo indiscutivelmente antropogênico. Isto ocorre em grande medida devido ao fato de que os *media mass* são atualmente uma “[...] espécie de Ministério da Verdade [...] encarregado de [...] criar consensos[...]”. (ARBEX, 2003, P.13).

Não obstante, enquanto que,

[...] na ciência a busca é histórica, seqüencial e temporalizada, engrenada pela sistemática, pela verificação e validação dos dados no plano geral da sua atividade, além de trabalhar com desenvolvimento de médio e longo prazo. [...] na mídia, prioriza-se a instantaneidade, a ousadia de dizer antes, se possível antecipando-se aos fatos. (SAPPER e HEBERLÊ apud HEINZ et al. 2007, p.01).

Portanto, conforme já foi destacado, o debate acerca das mudanças climáticas na mídia se torna uma *práxis* inconveniente, visto que isso poderia refletir na formação própria da opinião dos telespectadores, ouvintes e leitores.

Isto pode significar o descrédito de parte dos consumidores acerca da notícia – espetáculo, ou seja, do impacto causado pelas previsões alarmistas que comumente são veiculadas pela mídia, com o objetivo de antecipar o fato sugerido cientificamente pelo IPCC.

Considerações finais

O objetivo deste artigo nunca foi questionar a existência do aquecimento global. Até porque várias vertentes que pesquisam esse fenômeno têm apontado que de fato ocorreu nos últimos anos um aumento na temperatura média do planeta, embora isto não seja um consenso científico.

Diante disso, a questão central que foi debatida ao longo deste, primou pela discussão acerca das causas e das possíveis conseqüências que este aquecimento poderia provocar nos próximos anos, tendo em vista que a mídia de modo geral tem privilegiado quase que exclusivamente a perspectiva alarmista e catastrófica

referendada pelas previsões dos cientistas do IPCC, tratando esta como um consenso científico.

Logo no título deste artigo, foi apresentado que a problemática das mudanças climáticas tem se tornado um debate inconveniente para os *media mass*. E isto não se dá obviamente porque os meios de difusão de massas estão preocupados com o futuro do planeta e os possíveis efeitos catastróficos do aquecimento global antropogênico.

Primeiramente porque nesta proposição teríamos que considerar que a mídia teria um caráter no mínimo “suicida”, visto que nesse contexto há uma contradição inerente aos próprios engendros do capitalismo: Se o aquecimento global é, como propala a mídia, provocado pelas emissões de gases lançados a atmosfera no âmbito do processo produtivo, logo este processo se intensifica na medida em que aumenta o consumo de mercadorias pelos seres humanos.

Ora, a mídia não é sustentada majoritariamente pelos anúncios publicitários que conclamam ao consumismo de forma explícita? O que leva um anunciante de um automóvel (que emite CO₂) pagar centenas de milhares de reais por uma cota comercial de menos de um minuto no intervalo de um telejornal com grande audiência (que propala os malefícios das emissões apontando que estas aumentam o aquecimento global)? Não é vender mais automóveis, o que significa mais emissões de gases poluentes?

Vemos por este lado que a questão não se resume a um bom intensionamento da mídia no sentido de promover a conscientização das pessoas acerca das mudanças climáticas, como aparenta ser.⁵

Antes, os padrões de manipulação da informação operam no sentido de criar na sociedade um estado de alarme coletivo, descrita por Santos (2006, p.256), capaz de fornecer regras a uma determinada racionalidade engendrada ideologicamente pelos grupos hegemônicos que controlam o poder de fato, para empreenderem determinada ação.

Assim sendo, esta abordagem realizada pelos *media mass* (que segundo Arbex (2002, p.08) constituem um dos pilares de sustentação do poder), ocultam objetivos muito bem delineados. Dentre estes, podemos destacar os nichos de mercado que se abrem a produção de mercadorias “ambientalmente sustentáveis”, como é o caso dos agrocombustíveis, a perda pelo Estado-Nação de parte da soberania no controle e na gestão do seu território, uma vez que várias das ações empreendidas supostamente para mitigar os seus efeitos são discutidas em grandes fóruns globais auspiciados por organismos supranacionais.

Soma-se a isso a transformação do carbono numa *commoditie* com alto valor de troca no mercado global, além de impulsionar novas fontes de energia tidas como “limpas ou menos poluentes”, como é o caso do etanol brasileiro.

Isso é bastante preocupante na medida em que o que está em jogo em meio a este alarmismo apocalíptico nada mais é que objetivos geopolíticos e geoeconômicos. Basta observar o grande número de ONGs estrangeiras na Amazônia, que preferem “salvar o planeta da iminente destruição” (quando na verdade muitas representam interesses dos seus Estados nacionais de origem ou de conglomerados econômicos), que lutar por causas mais urgentes, como a fome e os

⁵ Abramo (2002, p.24) aponta que “a relação entre imprensa e realidade é parecida com aquela entre um espelho deformado e um objeto que ele aparentemente reflete: a imagem do espelho tem a ver com o objeto, mas não só não é o objeto como também não é sua imagem; é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real.” Esta relação pode ser interpretada como a essência e aparência de que fala Karl Marx.

refugiados de guerra na África, que constituem as conseqüências de uma nefasta ação antropogênica, e que os seres humanos podem incontestavelmente frear.

Não obstante, podemos relacionar a mídia a uma dimensão do plano ideológico capaz de, como já foi dito anteriormente, criar um ambiente propício para a atuação de determinados agentes no espaço geográfico, onde este “[...] espaço geográfico tem seu arranjo fortemente confundido com a instância ideológica”. (MOREIRA, 1980, p.17).⁶

Portanto, conforme tentamos demonstrar, o debate acerca do aquecimento global, que privilegie todas as perspectivas de discussão acaba sendo uma práxis inconveniente para esta mídia comprometida com as instancias de poder, visto que isto poderia dar ao cidadão comum a possibilidade de formar a sua própria opinião e criar obstáculos para a execução dos interesses dos grupos hegemônicos.

Referências Bibliográficas.

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

ARBEX, J. O legado ético de Perseu Abramo e de Aloysio Biondi. In: ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003, p.07-13.

CARTER, R. M. **The myth of dangerous human-caused climate change**. Disponível em < http://www.iceagenow.com/Professor_Bob_Carter.htm>. Acesso em 21 de jul.2009.

CARVALHO, A. Mudanças climáticas e organizações ambientais e imprensa britânica: uma análise do poder da perspectivação. In: MIRANDA, J. e SILVEIRA (org.) **As ciências da comunicação na viragem do século**. Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2002.

GERAQUE, E.. A.Aquecimento é bom para a floresta, afirma Ab'Sáber. In: **Jornal da Ciência**. SBPC, 15 março de 2007. Disponível em <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=45316>. Acesso em 30 de jul. de 2009.

HEBERLÊ, A.L.O.; SAPPER,S.M.. Identidades e diferenças entre ciência e mídia. In: **Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação**, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

IPCC. Cambio climático 2007: **Informe de síntesis. Contribución de los Grupos de trabajo...** Genebra, Suíça: OMM, 2007.

LINDZEN, R. O aquecimento global é um movimento político. **Revista Galileu**. São Paulo: Abril, maio de 2009, p.57.

⁶ Moreira (1980, p.04) assevera que a “[...] análise dialética do arranjo do espaço serve para desvendar máscaras sociais”, que muito bem podem ter sido engendradas pela atuação midiática, que funcionaria como uma instancia ideológica dos grupos sociais hegemônicos que atuam na gestão do território em toas as suas acepções.

LUCKMANN, A.P. Jornalismo e mídia-educação no contexto do aquecimento global. In: Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis: UFSC, vol III, nº 02, 2º sem. de 2006. Disponível em < <http://posjor.ufsc.br/public/docs/51.pdf>>.

MOLION, L.C.B. Aquecimento global: uma visão crítica. **Revista Brasileira de Climatologia**. Maceió: ICA-UFA, agosto de 2008, p.08-24.

_____. Aquecimento global, el niños, manchas solares, vulcões e Oscilação Decadal do Pacífico. **Revista Climanálise**. Maceió: 2008. Disponível em < http://www6.cptec.inpe.br/revclima/revista/pdf/Artigo_Aquecimento_0805.pdf>. Acesso em 20 de jul. de 2010.

MOREIRA, R. A geografia serve para desvendar máscaras sociais. **Território Livre**. São Paulo: UPEGE, 1980.

NOBRE, C. Mudanças climáticas globais: possíveis impactos nos ecossistemas do país. **Parcerias Estratégicas**, n. 12, p. 239-258, 2001. Disponível em < <http://ftp.unb.br/pub/UNB/ipr/rel/parcerias/2001/3390.pdf>>; Acesso em 20 de jul. de 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 2006.

VEJA. **Apocalipse já**. São Paulo: Abril, ed. nº. 1961, jun. de 2006. Disponível em < http://veja.abril.com.br/210606/p_068.html > Acesso em 29 de jul. de 2009.

Recebido em 11 de setembro de 2012.

Revisado em 11 de outubro de 2012.

Aceito em 11 de novembro de 2012.